A População em situação de rua como insígnia da barbárie

Fábio da Silva Calleia[1]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que a população em situação de rua é a expressão da questão social que demonstra através do seu avanço irrefreável a incompatibilidade de continuidade do modo de produção capitalista e qualquer tentativa que se pretende civilizatória. As tentativas "progressistas" de trabalhar com uma expansão até minimamente considerável de políticas públicas e ações estatais em torno do "problema" podem ser consideradas como apenas mitigação da barbárie. Sendo assim questiona-se inclusive os grande apologistas dos defensores da expansão dos direitos e até mesmo destas políticas.

Logo, pretendo discutir o tema retomando a radicalidade do pensamento marxista utilizando algumas ideias centrais desse pensamento – como fetichismo –, além de autores contemporâneos que analisam o atual momento histórico do modo de produção. Mais do que nunca antes na história da humanidade torna-se inadiável não só clamar por um outro caminho, mas, sobretudo, enxergar que estamos diante de um colapso.

Palavras-chave: População em situação de rua; Barbárie; Fetichismo

This work aims to demonstrate that the homeless population is the expression of the social issue that demonstrates through its unrestrained advance the incompatibility of continuity of the capitalist mode of production and any attempt that is intended civilizing. "Progressive" attempts to work with an even minimally considerable expansion of public policies and state actions around the "problem" can be considered as just mitigating barbarism. Thus, the great apologists of the defenders of the expansion of rights and even of these policies are questioned.

Therefore, I intend to discuss the theme resuming the radicality of Marxist thought using some central ideas of this thought – such as fetishism – in addition to contemporary authors who analyze the current historical moment of the mode of production. More than ever before in the history of mankind becomes indeferred not only to cry out for another way, but above all to see that we are facing a collapse.

Keywords: Homeless population; Barbarism; fetishism.

[1] Doutorando em Serviço Social pela UFJF e Mestre em Serviço Social pela UFRJ. E-mail para contato: fabiocalleia@ufjf.br

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, queremos destacar que o artigo é fruto de um interesse que vem da atuação profissional como assistente social ao longo de dez anos trabalhando em políticas públicas e remetem aos questionamentos próprios sobre o constante aprofundamento das expressões da questão social[2] a despeito de qualquer trabalho bem desenvolvido dentro destas políticas.

O objeto do artigo é a população em situação de rua como uma expressão da questão social[1] que evidencia a barbárie[3]. Mas, é nas entrelinhas do objeto que se esconde a originalidade e ousadia do mesmo. Pretende-se demonstrar que a experiência da sociabilidade promovida pelo capital não possui mais a menor possibilidade de continuidade sem promover em larga escala a barbárie. E, que a máquina do Estado, mesmo atuando em uma perspectiva "progressista" alargando o direito a ter direitos, já não possui também a menor capacidade de conter a força destrutiva do sistema capitalista, que rege essa sociedade. Com isso nos deparamos com experiências de barbárie todos os dias, seja nos exemplos de destruição da natureza, ou nos exemplos relacionados à violência – que já não tem nem mais tanto valor midiático de tanto que nos é comum. E a população em situação de rua é outra insígnia representativa desse colapso, mas que possui particularidades muito interessantes para evidenciar as ruínas dessa sociedade. Pretende-se demonstrar que a idéia de obsolescência programada – um conceito próprio ligado às mercadorias – ultrapassou o seu lugar comum e se instalou em seres humanos. A humanidade em decomposição, já descartada e em processo de putrefação é um convite inevitável para pensarmos no fim dessa sociedade colapsada.

O incômodo presente nas palavras acima pode nos levar a uma dupla reação: Ao de não aceitar uma visão que coloque esta população nesse lugar "ruim" e

[2] Para Engels e Marx (2010), no modo tipicamente capitalista à medida que se expande a acumulação de capital proporcionalmente amplia-se a acumulação de miséria. Baseado nesse fundamento Netto (1989) conceitua questão social como o "conjunto de problemas econômicos, sociais, políticos, culturais e ideológicos que cerca a emersão da classe operária como sujeito sócio-político no marco da sociedade burguesa."

[3] Tomamos como referência as reflexões acerca da barbárie elaboradas por Menegat (2006) que a entende como característica do início da dissolução do capitalismo.

descartar qualquer possibilidade de dar sequência a uma ideia como esta, ou o de concordar de que é impossível pensar que existe algo de positivo nesta evidência e que estamos diante do aprofundamento da barbárie no atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Os *spoilers* são de que nesse estudo não se tem pretensão nenhuma em romantizar o tema, dar créditos aos sujeitos envolvidos, falar da importância da proteção social e dos direitos aos desassistidos e nem de apresentar soluções pontuais e "positivas". Deixo a tarefa para os intelectuais que preferem realizar a gestão da barbárie. O interesse do estudo é seu inverso: demonstrar que o crescimento ininterrupto desta expressão da questão social é "imparável", seja pela lógica já tão criticada da solidariedade, seja pela lógica do direito a ter direito devido a questões inerentes ao sistema capitalista, principalmente em relação ao mundo do trabalho e suas transformações ao longo do seu desenvolvimento. Torna-se necessário, portanto, avaliarmos as políticas sociais que atuam com a população em situação de rua; os direitos pressupostos dentro destas políticas e sua efetividade frente ao problema. A pretensão ao falar sobre uma determinada expressão da questão social é questionar se, de fato, o avanço de políticas sociais, e até mesmo a conquista de novos direitos para a população usuária destras políticas, não esteja inserida e faça parte da dinâmica do modo de produção, além de atuar como uma espécie de fetiche do próprio sistema.

O crescimento de pessoas que vivem em situação de rua no Brasil é assustador e a perspectiva de aumento não pára de crescer. Em 2008, em pesquisa realizada, o Brasil tinha uma estimativa de 31.922 pessoas em situação de rua (MDS, 2009) e em 2015 esta estimativa já estava em 101.854 (IPEA, 2016), um aumento percentual de aproximadamente 300% em sete anos. Se entre os períodos de 2008 a 2015 tivemos um avanço percentual de 300% no número absoluto e, a partir de 2016 começamos a experimentar o aprofundamento da crise econômica com significativas elevações das taxas de desemprego, em especial nas grandes metrópoles – principais concentrações de pessoas em situação de rua[4] - estamos

[4] Em pesquisa do IPEA em 2015, a estimativa é de que mais de três quartos (77,02%) das pessoas em situação de rua no Brasil concentravam-se em grandes metrópoles. No município de São Paulo

diante de uma realidade que determina o crescimento dessa expressão da questão social em escalas preocupantes, mas mais do que isso, este crescimento precisa ser analisado como uma insígnia de que – talvez – não exista a possibilidade dentro dessa sociabilidade de resolução de qualquer expressão da questão social, e em especial das expressões que atestam a descartabilidade de seres humanos. E, que qualquer ação advinda de políticas sociais, por maior que sejam sua relevância, importância e alcance, sejam apenas uma mitigação do problema que não é mais passível de resolução através da ordem estabelecida.

Uma nova estimativa do IPEA lançada recentemente – em Junho deste ano – aponta que até Março de 2020 a estimativa dessa população está em 221.869 (IPEA, 2020) e comprova a tendência de improbabilidade de resolução do problema através de políticas sociais. Hoje, em 2020, de acordo com o censo realizado pela prefeitura de São Paulo já são – só na cidade – um total de 24.000 pessoas e, apesar do número elevado, o principal Movimento social relacionado à população em situação de rua no Brasil – e não por acaso com atuação mais destacada na cidade paulista – contesta com veemência os números obtidos pelo censo e aponta números entre 30 a 35 mil pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo[5]. Estamos falando de números de uma cidade brasileira que supera os números de todo o território nacional em um período de 12 anos.

Sendo assim não dá mais para fechar os olhos diante da realidade e não mais buscar respostas que solucionem o insolúvel. Precisamos falar de coisas óbvias, mas que por algum motivo nos distanciamos, ou seja, falar sobre a incompatibilidade de progresso civilizatório e capitalismo. Para tal, precisaremos recuperar historicamente a obra de Karl Marx – principalmente – e retirar dela o que de mais importante ela nos remete ao nosso tempo presente, ou seja, todos os vestígios de barbárie que já estão desenhadas em suas obras.

---

no ano de 2015 estimava-se que 15.905 pessoas viviam em situação de rua. No município do Rio de Janeiro no ano de 2014 aproximadamente 5.000 pessoas viviam em situação de rua sendo que em levantamento recente realizado pela Secretaria de Assitência Social e Direitos Humanos o município já possui uma estimativa de mais de 14.000 pessoas nessa situação.

[5] Tais dados estão disponíveis em https://www.brasildefato.com.br/2020/01/31/movimentos-denunciam-subnotificacao-em-censo-sobre-populacao-de-rua-de-sp

2 – FETICHISMO, COLAPSO, BARBÁRIE E FIM?

Uma vez apresentado, torna-se necessário problematizar os pormenores desse percurso que nos lança diante de uma sensação de insolubilidade.

Partiremos de algumas ideias Marxianas, mas, a inicial é a que versa sobre o fetichismo. Chegamos a um momento tão regressivo da sociabilidade fundamentada pelas relações sociais capitalistas que o *download* do fetichismo já foi completamente baixado. Isso quer dizer que nós, aqueles que ainda se dizem humanos, não conseguimos chegar aos pés da importância de qualquer pedaço de papel. Melhor, para fazer valer uma expressão popular, a gente não vale nem o ar que a gente respira. Papel e ar, assim como absolutamente tudo que nos cerca, são o fantasmagórico reino das mercadorias. Nosso valor, nossa função, nossa missão é continuar o legado. E só existimos, se cumprimos o nosso papel. Via de regra quando conhecemos uma pessoa, uma das primeiras perguntas que fazemos é sobre a sua profissão, sua função, o que ela faz. E isso diz muito sobre nós. Mas isso nos leva a um segundo momento já densamente trabalhado por inúmeros autores: O que acontece quando não somos mais funcionais? Marx (2011) nos descreveu os percursos do fetichismo e suas características estão introjetadas de tal forma que estamos diante de uma humanidade que deixaria muitas seitas de filme de terror parecendo o mais belo filme de romance. “Tal subjetividade, que comporta práticas sociais com elevados grau de submissão a forças estranhas e obscuras de dominação impessoal e inconsciente, pode, quem sabe, ajudar a explicar porque este estado de regressão se naturaliza.” (MENEGAT, 2019). Portanto, começaremos por esta ideia que nos será central.

Marx (2004) nos *Manuscritos* discorre que

> o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto, na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p.80)

E Pereira comenta que,

> Com o fetichismo, o produto do trabalho humano, tornado mercadoria, aparece com vida própria, à margem dos próprios produtores. A reificação é exatamente a relação dos homens mediada pela mercadoria o que gera relações que são humanas apenas mediatamente. Vivenciamos hoje o aprofundamento da barbárie cuja uma das faces mais evidentes se expressa na pobreza de indivíduos que não mais encontram meios de manter a sua própria subsistência.
>
> O capital, embora seja um poderoso estimulante ao desenvolvimento das forças produtivas, traz aparelhado em si a submissão estranhada do processo de reprodução social à valorização do valor, com o quinhão de barbárie que lhe é imanente. (PEREIRA, 2013, p.64)

Tem alguma coisa invertida nesse lugar. E a crítica desse lugar, que vou chamar de barbárie, torna-se hoje mais importante que as suas pífias tentativas de resolução das expressões que saltam aos olhos. Felizmente estamos achando soluções interessantes para contrapor as teses supracitadas e colocando nas prateleiras do mercado os humanos e, finalmente assim, estamos conseguindo a nossa valorização através da nossa auto-venda[6].

Mas, apesar de chegarmos a uma solução interessante como essa que é a auto-venda, ainda sim nos deparamos com um contingente cada vez maior de seres humanos que não conseguiram ascender a esse patamar da valorização e, ainda não descobrimos qual é a melhor forma de descarte dessa mercadoria inútil. Apesar das palavras infames e grotescas ao se dirigir à população em situação de rua, torna-se evidente que essa é a forma pela qual decidimos produzir nossa sociabilidade e, por isso, continuamos desenhando o capítulo da pré-história da humanidade. Mais do que antes, mas ainda assim longe do fim, podemos constatar que o padrão de sociabilidade imposto pelo modo de produção capitalista, com um *thelos* que aponta para a destruição, nada mais tem a oferecer para a humanidade do que as suas permanentes contradições que determinam, no nosso tempo atual, uma constante presença da barbárie que nos é vendida desde sempre como civilizatória. Podemos observar a façanha da barbárie desta pretensiosa civilização, por exemplo, através da sua opulenta capacidade produtiva que está intrinsecamente ligada ao aprofundamento da desigualdade social que produz o

[6] A referência aqui é o Tráfico de Pessoas (TP) que, apesar de não ser objeto do nosso trabalho é um exemplo perfeito para demonstração de como o ser humano se transforma em mercadoria. Enfim, tal ideia – aparentemente esdrúxula – infelizmente é apenas mais um nicho de mercado que movimenta, segundo a OIT, 31,6 bilhões por ano.

objeto deste trabalho: a população em situação de rua e a condição de descartabilidade do ser humano.

E Harvey (2011) complementa nos dizendo que “em tempos de crise, a irracionalidade do capitalismo se torna evidente para todos. Capital e mão de obra excedentes existem lado a lado sem haver aparentemente uma forma de uni-los no meio de um imenso sofrimento humano e necessidades não realizadas” (HARVEY, 2011).

Se nos depararmos com um atento leitor este nos questionará que a rua e sua população “abriga” uma centena de pessoas que trabalham. Parabéns, isso de fato pode ser constatado, mas é só um resquício de luta por sobrevivência de indivíduos que já não importam se estão vivos ou mortos. Podem, vez ou outra, servir para montar alguma coisa por um pedaço de pão qualquer como nos mostra uma reportagem da Folha de São Paulo[7] relatando que Pessoas em situação de rua foram contratadas por 50 reais para trabalharem por 12 horas montando palco para o festival Lollapalooza em 2019. Um “famoso” Padre[8] que atua diretamente com a população em situação de rua certa vez falou em entrevista que era sempre muito elogiado pela sua ação com os pobres, mas, quando ele ousava em falar da raiz daquela pobreza, os mesmos que o elogiavam começavam a atirar-lhes pedras.

Obviamente Marx não chegou a vislumbrar que os números do abismo, que separa *Sachenwelt* de *Menschenwelt* – que mais do que nunca representam esse estado de coisas –, alcançariam proporções tão grotescas. Segundo relatório da Oxfam, publicado em Janeiro deste ano, 1% das pessoas mais ricas do mundo possuem duas vezes mais riqueza do que 6,9 bilhões de pessoas[9]. Mas o que faz esse modo de produção em estado regressivo ainda se manter de pé? Qual é o motivo pelo qual não haja uma insurreição contra isto? As chaves para essas respostas residem no fetichismo das relações sociais.

De acordo com Pereira (2013),

---

[7] Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/morador-de-rua-ganha-r-50-por-12h-de-trabalho-para-montar-palco-do-lollapalooza.shtml

[8] O Padre Júlio Lancelloti é um dos personagens mais conhecidos que atua na causa da população em situação de rua no Brasil.

[9] Relatório disponível em https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620928/bp-time-to-care-inequality-200120-en.pdf

> sob o capitalismo as relações sociais tomam a aparência e se tornam relações entre coisas – o que caracteriza o fenômeno da reificação, forma típica da alienação engendrada no modo de produção capitalista. É quando o capital estabelece o seu domínio absoluto, ou seja, quando tudo é tornado mercadoria e todas as relações passam a ser mediadas por elas, que o fetichismo alcança seu ápice. A reificação passa a ser a determinação fundamental das relações sociais, o suporte material de constituição da sociabilidade burguesa (PEREIRA, 2013, p.119).

É justamente nas relações sociais como relações sociais fetichistas que os mistérios da mercadoria começam a adquirir objetividade entre nós. Uma objetividade fantasmagórica (MENEGAT, 2019). O mesmo autor discorre que

> na crítica da economia política, os mistérios começam quando as coisas ordinárias se transformam numa coisa fisicamente metafísica. Na medida em que não há espíritos na natureza e tampouco na matéria dos produtos da atividade humana, tais mistérios somente podem ser criados pelas relações sociais (MENEGAT, 2019, p.35).

E complementa citando Marx expondo que

> o misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho como característica objetiva dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social, existente fora deles, entre objetos (MARX in Menegat, 2019, p. 35).

Chegamos em uma forma completamente maturada onde as coisas ganharam vida própria, ou além, tornaram-se verdadeiros deuses – heróis ou vilões – dotados de imortalidade, com vontade própria e permissão para fazer o que quiser. Beneficie quem beneficiar ou doa a quem doer. São assim as relações sociais na sua forma fetichizada. Pereira (2013) ao abordar sobre o tema comenta que,

> as formas de sociabilidade, marcadas por laços de troca entre mercadorias distintas, caracterizam a natureza desta ordem social onde predomina o domínio do valor sobre as relações sociais. (...) As formas fetichizadas têm a função de dar aos fenômenos a aparência de serem supra-históricos não existindo nada além dessa superficialidade imediata. O poder mistificador, que passa a atuar sobre a consciência dos indivíduos, impedindo-os de apreenderem os processos sociais nos quais estão aprisionados, é que torna a reificação a própria condição de existência e continuidade do capital. (PEREIRA, 2013, p.121)

Se esse poder violento implementado por esse estado de coisas que nos controla continuar a exercer esse controle, não será de maneira nenhuma uma abstração falarmos sobre um colapso catastrófico. Mas como toda grande série possui várias temporadas até chegar ao seu epílogo, ainda estamos desfrutando as

ações bárbaras que nos conduzem ao fim. Poderíamos dizer que estamos em um processo de queima total de mercadorias, sendo que essas mercadorias específicas somos nós mesmos. Veja bem, não há nada de novo nisso. O capital só se reproduz produzindo um aumento da destruição. É próprio do seu DNA. Como já dito, o processo de valorização do mundo das coisas passa necessariamente pela desvalorização de quem produz valor. Pode parecer contraditório – porque o é -, mas está na configuração desta sociedade a necessidade dessa desvalorização progressiva. A figura do Estado, do direito, das políticas sociais são apenas freios – mas que cumprem um papel fundamental nessa lógica e certamente será passível de aprofundamento em tese de doutoramento – de uma locomotiva que está descarrilada. A centralidade da política de Assistência Social e dos programas de transferência de renda são indicativos da tentativa de mitigar o problema. Caminhamos a colisão, ao colapso, à barbárie e o que demonstra o cálculo seguro dessa equação é a própria obsolescência programada da única variável que mantém essa frágil sociedade em pé: o trabalho. Pois apesar da ilusão do capital financeiro apresentar a mágica onde D vira D´, todos sabem o que têm dentro da cartola para valorização do valor. Apesar disso, "a autonomização do poder das coisas continua e nos leva cada vez mais próximos a barreiras que o sistema impõe à si mesmo. Marx (2011) no *Grundisse* nos deixa claro o *thelos* dessa sociedade quando discorre que

> da mesma maneira que a produção baseada no capital cria, por um lado, a indústria universal – isto é, trabalho excedente, trabalho criador de valor –, cria também, por outro lado, um sistema da exploração universal das qualidades naturais e humanas, um sistema da utilidade universal, do qual a própria ciência aparece como portadora tão perfeita quanto todas as qualidades físicas e espirituais, ao passo que nada aparece elevado-em-si-mesmo, legítimo-em-si-mesmo fora desse círculo de produção e troca sociais. Dessa forma, é só o capital que cria a sociedade burguesa e a apropriação universal da natureza, bem como da própria conexão social pelos membros da sociedade. |Daí a grande influência civilizadora do capital|; sua produção de um nível de sociedade em comparação com o qual todos os anteriores aparecem somente como desenvolvimentos locais da humanidade e como idolatria da natureza. Só então a natureza torna-se puro objeto para o homem, pura coisa da utilidade; deixa de ser reconhecida como poder em si; e o próprio conhecimento teórico das suas leis autônomas aparece unicamente como ardil para submetê-la às necessidades humanas, seja como objeto do consumo, seja como meio da produção. O capital, de acordo com essa sua tendência, move-se para além tanto das fronteiras e dos preconceitos nacionais quanto da divinização da natureza, bem como da satisfação tradicional das necessidades correntes, complacentemente

> circunscrita a certos limites, e da reprodução do modo de vida anterior. O capital é destrutivo disso tudo e revoluciona constantemente, derruba todas as barreiras que impedem o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação das necessidades, a diversidade da produção e a exploração e a troca das forças naturais e espirituais.
> Porém, do fato de que o capital põe todo limite desse gênero como barreira e, em consequência, a supere *idealmente*, não se segue de maneira nenhuma que a superou *realmente*, e como toda barreira desse tipo contradiz sua determinação, sua produção se move em contradições que constantemente têm de ser superadas, mas que são também constantemente postas. Mais ainda. A universalidade para a qual o capital tende irresistivelmente encontra barreiras em sua própria natureza, barreiras que, em um determinado nível de seu desenvolvimento, permitirão reconhecer o próprio capital como a maior barreira a essa tendência e, por isso, tenderão à sua superação por ele mesmo (MARX, 2011, p 239 e 240).

Pois bem, chegamos já nesse nível de desenvolvimento que por si já coloca barreiras nítidas ao processo de valorização do valor. Mas, o que não percebemos é que a superação desse momento poderia ser em um sentido de colapso e barbárie.

Mas a apresentação de um problema que é a descartabilidade humana – e novamente preciso lembrar de que a população em situação de rua acaba sendo uma boa representação dessa expressão – precisa ser vista também como um problema do ponto de vista do próprio capital que se vê em um ponto de inflexão onde não consegue mais fazer – de forma a sustentar sua saciabilidade – a valorização do valor e também já cria elementos que dificultam a esfera da circulação e consumo.

Portanto, para finalizar essa linha de raciocínio Harvey (2016) retrata que

> é impossível que ocorra novamente uma grande expansão da força de trabalho global como a que ocorreu recentemente. Por outro lado, a aceleração que houve nos últimos anos da automação e da aplicação de inteligência artificial a serviços rotineiros (como *check-ins* em aeroportos e caixas de supermercado) parece ser apenas o começo. Hoje, já há automação no ensino superior e em diagnósticos médicos, e as empresas aéreas estão testando aviões sem piloto. A contradição entre a produção de valor, de um lado, e a inovação tecnológica desmedida que economiza trabalho, de outro, está entrando num território cada vez mais perigoso. Esse perigo ameaça não só uma crescente população descartável, que não vê oportunidades de emprego imediatas, mas também (como reconhece claramente Ford) a reprodução do próprio capital (HARVEY, 2016, p.107).

E Kurz (1997) em entrevista a Folha de São Paulo[10] complementa que o

> capitalismo, na verdade, nada mais é que um sistema industrial "bola de neve", que converteu a transformação contínua e crescente de energia humana abstrata em dinheiro num fim em si mesmo. A revolução tecnológica

[10] Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs141205.htm .

> microeletrônica põe fim a essa dinâmica, pois torna supérfluo, de maneira perene e absoluta, mais trabalho do que pode ser reabsorvido pela produção ampliada. Por isso os mercados financeiros se desvincularam, de modo estrutural, da economia de bases reais. A criação de moeda sem substância contradiz, entretanto, a lógica capitalista. Este é o verdadeiro nó da crise. Mas, enquanto não houver uma crítica prática, a agonia desse sistema pode arrastar-se sem prazo e criar novos surtos de pobreza e desespero (Folha de São Paulo, 1997).

Se os empregos desaparecem e o ser humano é cada vez mais descartável, o que fazer com essa imensa massa putrefata? É nesse contexto que a Política de Assistência Social e, os programas de transferência de renda se tornam centrais – principalmente nas economias periféricas – funcionando como uma tentativa – cada vez menos exitosa – de frear a exponenciação da questão social. O exemplo dos governos Petistas no Brasil são excelentes para vermos que tais alternativas que fingem tentar uma resolução de problemas pela via das políticas e, principalmente, pela Política de Assistência Social são apenas um arremedo em uma colcha de retalhos sem qualquer possibilidade de resultados mínimos que, no máximo, empurram os problemas para frente.

Obviamente não se trata aqui de negar ou diminuir direitos para manutenção de mera sobrevivência de uma imensa gama da população descartável isto que estes se tornam cada vez mais essenciais em virtude das situações de extrema pobreza, mas de questionarmos a importância de continuarmos em uma busca incessante por direitos regidos por um sistema que os desmantela. A garantia de direitos na atualidade funciona muito mais à continuidade da mitigação da barbárie – que é fruto do sistema capitalista – do que a sua dissolução e urge a necessidade do combate a essa mística que vem da própria “esquerda”.

Os problemas da centralidade da Política de Assistência – tema já amplamente discutido e debatido no Serviço Social – assim como a dupla funcionalidade das políticas sociais como um todo, corroboram para a ideia de que a hipertrofização desses mecanismos funcionam como instrumentos de mercantilização e privatização de outras políticas – principalmente, mas não somente, Previdência e Saúde – e promovem um fetiche de enfrentamento da questão social. Fetiche, pois, o enfrentamento das múltiplas expressões da questão social se dá pela via das políticas sociais e não a sua resolução. Tais expressões

somente serão solucionadas, enfrentadas com o fim da barbárie gestada pelo sistema capitalista de produção. Portanto, a crítica deve ser dirigida, mais do que nunca, a todas as categorias fundantes, ou seja, todas as formas de socialização subordinadas à mercadoria e ao dinheiro.

3 CONCLUSÃO

Neste nosso atual cenário a população em situação de rua não pode mais ser vista como uma expressão da questão social excluída do acesso a direitos. Há de se inverter essa análise e avaliarmos também se o acesso a direitos não cumpre um importante papel no seu aspecto fetichista. Lutar, por exemplo, por mais postos de trabalho medíocres com remunerações igualmente medíocres – que se assemelham a soma das esmolas jogadas por transeuntes sobre o corpo dessa população – é não encarar a verdade posta que tal ato é mais um entre os tantos outros criados com a tentativa de “empurrar o problema com a barriga”.

> De certo modo, o sentimento de insegurança social produz mais desconforto aos que ainda possuem empregos do que o horror em que o mundo do trabalho agoniza – crivado de modos arcaicos de intensificação e ampliação das jornadas, assim como de modernos modos de humilhação e redução crescente de direitos. (MENEGAT, 2019, p.72)

A população em situação de rua das grandes cidades é o retrato mais fiel de pessoas que perderam todos os meios para a realização das necessidades mais básicas. O crescimento ininterrupto dessa população – se tomarmos por base a ideia central de que não existe resolução na ordem estabelecida pelo capital – não pode mais ser encarado como um problema de falta de políticas públicas ou falta de direitos. Apresentá-las como algo positivo, progressista e com algum potencial assemelha-se mais a histórias folclóricas do que a trabalhos sérios e transparentes com suas finalidades. Políticas e direitos, nesse sentido, precisam ser analisados também como fenômenos mais da barbárie do nosso tempo.

Em meio a pandemia a população em situação de rua explode nos grandes centros urbanos[11]. Apesar de políticas públicas voltadas para essa população, o

[11] Em matéria recente do dia 27 de Outubro de 2020 a Folha de São Paulo realiza um balanço sobre o aumento desta população em meio a pandemia e traz alguns detalhes sobre essa população.

atendimento a todos se torna improvável. A filantropia entra em ação e não por acaso um Padre seja o principal expoente na defesa desta população. Refilantropização da questão social, retrocesso de direitos sociais, desemprego estrutural, será que esta linha regressiva que aponta para um aprofundamento da barbárie é apenas mais uma crise cíclica? Ou será que estamos lutando arduamente por um tempo histórico que aconteceu em uma determinada parte do globo e que parece não existir a menor probabilidade no atual estágio de desenvolvimento do sistema capitalista de voltar a acontecer? O estado de mal-estar precisa ser encarado pela intelectualidade de forma a demonstrar que estamos em ruínas.

Enxugaremos gelo no calor ardente do Rio de Janeiro, esconderemos essa população nas cracolândias de São Paulo ou iremos manter tudo escondido e invisível a todos em todo território nacional até quando? Até quando vamos ficar nos manifestando por um punhado de direitos para pessoas em situação de rua aqui e brigando contra balas de borracha e gás de pimenta para não perdermos outro punhado de direitos acolá? Será que o processo automatizado da produção e reprodução do sistema já conforma e está plenamente adaptado a essas manifestações reativas? Torna-se inadiável o compromisso com a premissa de revolução, mas não por mais direitos, nem por mais Estado, nem tampouco por mais políticas, mas sim pela urgência da dissolução do modo de produção capitalista. Urge a necessidade de denúncia as ideologias de estabilização deste sistema e sua eterna máquina de ilusões abstratas justificadas com discursos civilizatórios e promessas inalcançáveis.

> A sensação de que a aparência inabalada das coisas já não corresponde à sua verdade, de que está em curso um movimento que promete trincar suas formas, faz do presente a mera espera de um futuro que não se quer, a exemplo de quem aguarda um tsunami sem ter para onde correr. Tal sensação se espalha como uma nova espécie de mal-estar – desta vez, o de uma civilização em fim de linha. (MENEGAT, 2019, p.66)

Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/alta-de-moradores-de-rua-apos-pandemia-exigira-resposta-de-prefeito-de-sp-em-diversas-areas.shtml

REFERÊNCIAS

.

BRASIL. Ministério da Saúde. ***Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua***. Brasília, 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS). ***Rua: Aprendendo a contar.*** *Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília, 2009. Inúmeros artigos

ENGELS, F. MARX, K. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2010.

Entrevista com o sociólogo Robert Kurz. Folha de São Paulo, 1997. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs141205.htm . Acessado em 24 de julho de 2020.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. ***Censo da população em situação de rua na municipalidade de São Paulo***. São Paulo, 2015

HARVEY, D. ***O enigma do capital e as crises do capitalismo***. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. ***17 contradições e o fim do capitalismo***. São Paulo: Boitempo, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. ***Estimativa da População em situação de rua no Brasil.*** Brasília, 2016.

_____. ***Estimativa da População em situação de rua no Brasil.*** Brasília, 2020.

MARX, K. ***Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.*** São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. ***Grundrisse:*** *manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo 2011.

MENEGAT. M. ***O olho da barbárie.*** São Paulo: Expressão popular, 2006.

_____. ***A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe:*** *O giro dos ponteiros do relógio no pulso de um morto*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

NETTO, J. P. ***Capitalismo e Reificação.*** São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

_____.***O serviço social e a tradição marxista.*** Serviço Social e Sociedade, n.º 30, ano X. São Paulo: Cortez,1989.

PEREIRA,V.S. ***A Pobreza da mercadoria****: Raízes e determinantes contemporâneos*. Tese de Doutorado, 2013. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Escola Serviço Social.